MAIS DE UM SÉCULO DE PINÓQUIO: A "VIDA" E A 'SOBREVIDA" DO BONECO-MENINO

MORE THAN A CENTURY OF PINOQUIO: THE "LIFE" AND THE "SURVIVAL" OF THE DOLL-BOY

Maristela Kirst de Lima Girola[1]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir como a personagem Pinóquio, surgida no romance de Carlo Collodi, publicado em 1883, continua vivendo e revivendo permanentemente no imaginário de crianças e adultos do mundo inteiro, por meio de diferentes suportes semióticos, envolvendo a literatura, o teatro e o cinema.

Palavras-chave: Literatura Italiana. Romance. Carlo Collodi. Pinóquio. Personagem.

As aventuras de Pinóquio, romance de Carlo Collodi, publicado em 1883, é uma história de grande sucesso desde então, cuja popularidade alastrou-se da Itália para o mundo todo com diversas traduções. A obra foi, primeiramente, publicada em capítulos para o jornal infantil italiano de Ferdinando Martini,*Giornale per i Bambini*, em 1881, com o título "A história de um boneco". Entre as adaptações cinematográficas, destacam-se a primeira realizada em 1911, por Giulio Antamoro, mostrando uma aventura de Pinóquio e Geppetto entre os índios americanos ao estilo velho oeste (PEZZINI, 2012, p. 27), e a mais conhecida, realizada por Walt Disney, em 1940, com mudanças significativas em relação à personagem e ao enredo.

É exatamente essa "apropriação" e "transformação" da personagem Pinóquio e de suas aventuras, realizadas por diferentes autores, que tem garantido a sua "sobrevida" por todos esses anos. Como explica Carlos Reis (2015, p.15), "a personagem compreende, como a narrativa ficcional em geral, uma dimensão transhistórica que escapa ao controlo e ao projeto literário de quem a concebeu."

[1] Doutora e Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É Especialista em Literatura Brasileira e Graduada em Letras: Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente, atua na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: maristela.klg@gmail.com.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 19, p.85-91, dez. 2016. Recebido em: 26 set. 2016. Aceito em: 15 dez. 2016.

Este artigo procurará demonstrar como Pinóquio vive e revive na imaginação de crianças e adultos, surgindo e ressurgindo na obra de escritores, ilustradores, artistas, dramaturgos e cineastas, e também sendo tema de estudos e pesquisas. Segundo Rafael Giardini Lenzi (2013, p. 270),

> essa popularidade não se limitou à obra original, abrangendo também as diversas versões e reescrituras da narrativa. A partir dessa enorme proliferação, também tornou-se frequente a tomada do romance como objeto de estudos críticos e científicos.

Paola Iannace (2004, p. 13), assessora da Cultura e Bens Culturais da Província de Milão, ressalta os estudos sobre Pinóquio realizados na Itália:

> Uma longa série de intervenções, estudos críticos e leituras antropológico-culturais também começou a fazer parte da história crítico-literária italiana. A história de Pinóquio foi e continua sendo objeto de numerosos estudos, e a mensagem que transmite é, muitas vezes, considerada um testemunho do pensamento leigo e renascentista italiano. As interpretações de corte histórico-renascentista e de fundo ético-pedagógico são os pontos mais altos e contestados, mas o que fascina todas as crianças é a fantástica história do boneco construído por amor e traído pela ingenuidade pessoal e pela maldade alheia.

A estudiosa italiana Isabella Pezzini (2012, p. 7) afirma que

> Le avventure di Pinocchio di Collodi sono un testo di inesauribile vitalità, all'origine di una quantità di studi critici, di orientamento e profi lo diversissimi. E soprattutto all'origine di infinite riprese e riproposte, di innumerevoli traduzioni, riduzioni, adattamenti, interpretazioni e rielaborazioni creative.

Pinóquio, desde seu "nascimento" tem passado, de fato, por várias transformações. A primeira delas é realizada pelo próprio criador, Carlo Collodi, ao "transportar" a personagem das páginas do jornal para o livro. Pezzini (2012, p. 9) defende ser possível identificar dois Pinóquios, sendo que o segundo será aquele que logrará tornar-se um menino:

> È facile accorgersi di una serie di differenze che ne caratterizzano la composizione, tanto che la critica si è abituata a distinguere tra due Pinocchi: un primo in cui il racconto è sostanzialmente quello della corsa ala rovina del burattino disobbediente e refrattario al progetto educativo che lo riguarda, e un secondo, in cui gli è offerta una ulteriore di scegliere la retta via, figurata nella trasformazione anche fisica in bambino "vero", sebbene dopo una ricca serie di nuove trasgressioni e sviamenti.

Contudo, o Pinóquio formulado a partir da narrativa romanesca e que tem se transformado e revivido em vários suportes consegue manter algo de seu, que o torna inconfundível e sempre Pinóquio, capaz de realizar-se sempre numa nova história, "qualcosa di tipicamente pinocchiesco" (PEZZINI, 2012, p. 11). A própria configuração de Pinóquio é baseada na mudança, se analisarmos o seu percurso, de pedaço de madeira, a boneco e, depois, a menino, apesar de que o "espírito" de Pinóquio já animava aquele pedaço de lenha:

> Era uma vez um pedaço de madeira. Não era uma madeira de luxo, mas um simples pedaço de lenha, daqueles que, durante o inverno, são colocados nos fogões e nas lareiras para acender o fogo e para esquentar a casa. Não sei como foi, mas o fato é que, um belo dia, esse pedaço de madeira foi parar na oficina de um velho carpinteiro. Ele tinha por nome mestre Antônio, mas todos o chamavam de mestre Cereja, por causa da ponta do seu nariz, que estava sempre brilhante e vermelha-escura, como uma cereja madura. Logo que mestre Cereja viu aquele pedaço de madeira, ficou todo alegre e, esfregando as mãos de satisfação, murmurou à meia-voz: -Essa madeira chegou em boa hora. Quero usá-la para fazer a perna de uma mesinha. Dito e feito, pegou logo o machado para começar a tirar a casca e a tornear. Porém, quando estava para dar a primeira machadada, ficou com o braço suspenso no ar porque ouviu uma vozinha débil, débil, que disse, suplicando: - Não me bata com força! (COLLODI, 2004, p. 19)

Pezzini (2012, p. 19) considera de relevância o tema da transposição de Pinóquio para outras formas de linguagem e de sistemas expressivos. Ressalta que alguns críticos percebem na tessitura textual e linguística da personagem Pinóquio uma proximidade com o teatro de máscaras, com o repertório dos bonecos e dos marionetes, sugerindo que, na verdade, Pinóquio teria vindo do mundo teatral para a literatura. E das páginas do livro tem ido para outros espaços como o do cinema, da música e da televisão. Em nota de rodapé, a estudiosa cita como exemplos o filme de Roberto Benigni e um videoclipe de David Bowie em que aparece metamorfoseado em Pierrot:

> Il film di grande impegno produttivo, ma poco convincente, di Roberto Benigni (Italia, 2002, Melampo Cinematografica, sceneggiatura di Vincenzo Cerami). Pinocchio compare persino, ibridato in Pierrot, in um videoclip di David Bowie, della fi ne degli anni 70, *Ashes to ashes*: ringrazio Paolo Peverini che me lo ha indicato.

Pinóquio tem aparecido também na área da publicidade. Atualmente, no Brasil, figura em uma campanha comercial de uma grande marca de pneus, conquistando a simpatia do público.

Pezzini enfatiza que o texto de Pinóquio tem vindo sempre acompanhado de ilustrações que passam a integrar a leitura da obra, apresentando um apelo visual. Cada

ilustrador, por sua vez, cria a sua imagem de Pinóquio. Entre os principais ilustradores, podemos destacar Enrico Mazzanti, Lorenzo Matotti e Alvaro.

Segundo Carlos Reis (2015, p. 16), "toda caracterização de personagem desafia e incentiva um preenchimento de vazios; esse preenchimento de vazios torna-se premente em atos transnarrativos e transliterários que trabalham a imagem." Isso está de acordo com a percepção de Pezzini de que há uma progressiva complexificação semiótica do trabalho de imagem da ilustração para o cinema, o desenho animado e o teatro, por exemplo, em que as novas linguagens utilizadas vão incorporando as linguagens precedentes:

> Le diverse pratiche di trasposizione, ciascuna con i mezzi offerti dai linguaggi utilizzati, sembrano così tendere quanto più possibile a costruire tra i livelli espressivi effetti di *simultaneità*, in un percorso alla ricerca di un'autonomia progressiva capace di inglobare pratiche e linguaggi precedenti'. Potremmo ad esempio vedere una sorta di progressione della complessità semiotico-sincretica nel passaggio dall'illustrazione *nel* testo (dominanza del testo verbale) al *fuori* texto (autonomia rispettiva) al fumetto, al cinema e al teatro. (PEZZINI, 2012, p. 25-26)

Para Livio Sossi, as ilustrações de Pinóquio realizadas pelo pintor milanês, Alvaro, confirmam a ilustração como uma operação cultural que

> se torna uma leitura coral ou múltipla da obra-prima de Collodi. Não era absolutamente fácil oferecer uma interpretação nova ao boneco collodiano que não se limitasse a re-propor os modelos e os estilos já consolidados. A iconografia sobre Pinóquio é quase infinita. Já foi dito praticamente tudo. Ficando somente com as interpretações mais recentes, lembramos a de Roberto Innocenti que restituiu Pinóquio, com simulação hiper-realista, ao seu autor, ambientando as 'Aventuras', pela primeira vez, na Toscana de 1800, depois de uma meticulosa e cuidadosa documentação fotográfica; e a de Lorenzo Mattoti, toda jogada nos personagens. No entanto, resta sempre algo a ser descoberto sobre Pinóquio. (SOSSI, 2004, p. 10-11)

Segundo Sossi (2004, p. 11), a leitura de Alvaro é simbólica, realizada a partir da análise dos personagens, "isolados e colocados dentro do que poderíamos definir como a 'sua' paisagem" e a novidade da interpretação reside "na cifra estilística do pintor, na técnica usada para estender a tinta na tela, utilizando a ponta fina da espátula com uma ininterrupta teoria de cortes monocromáticos (...) cores puras". Diante dos quadros de Alvaro, "diante das pranchas coloridas de seu Pinóquio, sentimos uma forte emoção. Nos olhos do boneco-menino que nos olha descobrimos alegria, resignação e medo. E descobrimos também o vagar contínuo do boneco à procura do homem" (SOSSI, 2004, p. 11).

Pinóquio, partindo da cultura italiana, passando por tantas transformações, tem se inserido em outras culturas, incluindo até mesmo a africana. Lenzi cita como exemplo "uma versão nigeriana de Pinóquio que cria uma nova narrativa, associando o protagonista a uma entidade mitológica nigeriana, o Ajantala. Por meio disso tem-se a adaptação do texto junto a elementos culturais próprios" (LENZI, 2013, p. 272).

Pinóquio é um dos textos mais traduzidos no mundo, havendo versões em várias línguas. Segundo Iannace (2004, p. 13), "desde 1883 As aventuras de Pinóquio são lidas, traduzidas e estudadas em todos os países, e os seus personagens simbólicos e alegóricos são internacionalmente conhecidos".

Umberto Eco considera como tradução não só a transcrição de um texto para outro idioma, com todas as suas implicações e complicações, mas também as transposições entre diferentes sistemas semióticos como quando se "traduz" um romance para um filme ou se pinta uma quadro a partir de um poema. É o que ele chama de tradução "intersemiótica" (ECO, 2007, p. 11).

Para Eco, a tradução implica e "se apóia em alguns processos de negociação, sendo a negociação, justamente um processo com base no qual se renuncia a alguma coisa para obter outra" (ECO, 2007, p. 19). Um dos exemplos citados por ele é justamente a adaptação de Pinóquio, para o cinema, realizada por Walt Disney, em 1940:

> Walt Disney transformou *Pinóquio* em filme. Naturalmente os collodianos reclamaram que Pinóquio fosse apresentado como um boneco tirolês, que não fosse tão lenhoso como as primeiras ilustrações que Mazzanti e Mussino legaram ao imaginário coletivo, que alguns elementos da trama tenham sido modificados e assim por diante. Mas, uma vez que Walt Disney havia comprado os direitos de adaptação (problema que, aliás, nem se colocava mais em relação a *Pinóquio*), ninguém poderia levá-lo aos tribunais por causa dessas infidelidades. (ECO, 2007, p. 21)

Italo Calvino em seu texto *Por que ler os clássicos* explicita as características que fazem um clássico ser um clássico. Entre elas, está a capacidade de suas personagens transcenderem o tempo e "reencarnarem" constantemente até a contemporaneidade. *Pinóquio* é, nesse sentido, sem dúvida, um clássico:

> Os clássicos são aqueles que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Isso vale tanto para os clássicos antigos como para os modernos. Se leio a *Odisseia*, leio o texto de Homero, mas não posso esquecer tudo aquilo que

> as aventuras de Ulisses passaram a significar durante os séculos e não posso deixar de perguntar-me se tais significados estavam implícitos no texto (...) Se leio *Pais e Filhos* de Turgueniev ou *Os Possuídos* de Dostoeivski não posso deixar de pensar em como essas personagens continuaram a reencarnar-se até nossos dias. (CALVINO, 2007, p. 11-12)

A Editora Cosac Naify lançou, em 2011, no Brasil, uma edição de luxo do texto integral de Pinóquio que traz um posfácio de Italo Calvino inédito no país. Nesse texto, o italiano afirma que quando começou a escrever considerou Pinóquio um modelo de livro de aventuras, mas que a obra estaria merecendo um estudo sobre a influência que tem exercido permanentemente sobre os escritores.

No cinema, Pinóquio também segue "reencarnando". Há novos roteiros e projetos em desenvolvimento, há alguns anos, envolvendo a personagem de Collodi, como o de Guillermo del Toro de animação em *stop-motion* e o da Warner Bros que deverá contar com o diretor Ron Howard e que já teve Tim Burton e Paul Thomas Anderson cotados para a direção. Robert Downey Jr. deverá interpretar Geppetto. As datas de lançamento das produções ainda não foram divulgadas, mas deverão ser conhecidas em breve.

Como vimos, Pinóquio transcende a obra artística na qual se originou e vive e revive no imaginário e em outros suportes que ultrapassam o universo ficcional. Como explica Carlos Reis:

> A correlação entre figuração e ficcionalidade diz respeito a um vasto problema que é o das tensões entre imanência e transcendência das obras artísticas. Explico-me: sendo, em primeira instância e aparentemente, um ser imanente a um texto ficcional e como que nele 'aprisionado', a personagem tende a romper com aquele seu estatuto, projetando-se para uma dimensão de transcendência que ultrapassa as fronteiras da ficção (REIS, 2015, p. 126).

Para Iannace (2004, p 13), Pinóquio

> tornou-se um símbolo para muitas gerações de crianças e adultos. E as instituições muitas vezes o tomaram como 'mascote' de importantes iniciativas humanitárias e editoriais. São conhecidos os estudos dedicados a ele pela Fundação Nacional Carlo Collodi e as intervenções inovadoras na internet. Os artistas também, fascinados pelo mentiroso trapalhão, viram nas aventuras de Pinóquio um objeto de indagação.

Giovanni Micali (2004, p. 15), que foi presidente do Unicef na Itália, afirma que

> Pinóquio faz parte de cada criança, e cada criança possui algo dele. Como uma criança Pinóquio vive, sente emoções, rebela-se e, ao mesmo tempo, aspira à idade adulta. Para além de qualquer concreção moralista sobre a obrigação de 'se tornar bom' (qual criança não é, livre dos influxos do mundo adulto?), ele deseja ser reconhecido e aceito como pessoa. A aventura do boneco, no fundo, não é mais do que a história da formação e da afirmação de uma identidade.

Presente ainda em tantas formas de arte e de expressão, Pinóquio segue entre nós, no imaginário de adultos e crianças. Com certeza, "quem disser que não conhece o Pinóquio, corre o risco de ver seu nariz crescer!" (PAULINAS, 2004, p. 5)

ABSTRACT: This essay aims to discuss how the character Pinoquio of the Collodi's novel, published in 1883, continues living permanently in the imaginary of children and adults, around the world, in diferent semiotic supports, envolving literature, theatre and cinema.

Keywords: Italian Literature. Novel. Carlo Collodi. Pinoquio. Character.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COLLODI, Carlo. Trad. de Áurea Marin Burocchi. *As aventuras de Pinóquio*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

IANNACE, Paola. Uma obra-prima universal. In: COLLODI, Carlo. Trad. de Áurea Marin Burocchi. *As aventuras de Pinóquio*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LENZI, Rafael Giardini. Leituras semióticas de Pinóquio. *Galaxia* (São Paulo, online), n. 26, p. 270-273, dez. 2013.

MICALI, Giovanni. Uma ocasião para lembrar que a muitas crianças são negados os direitos fundamentais. In: COLLODI, Carlo. Trad. de Áurea Marin Burocchi. *As aventuras de Pinóquio*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PEZZINI, Isabella. Tra um pinocchio e l'altro. In: FABBRI, Paolo. PEZZINI, Isabella. *Pinocchio:* nuove aventure tra segni e linguaggi. Milano: Mimesis Insegne, 2012.

REIS, Carlos. *Pessoas de livro*: estudos sobre a personagem. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

SOSSI, Livio. Uma visão solar de Pinóquio feita de cores intensas. In: COLLODI, Carlo. Trad. de Áurea Marin Burocchi. *As aventuras de Pinóquio*. São Paulo: Paulinas, 2004.